

Feito faísca: esboço da imagem mais viva do progresso¹

ANA CARINA SABADIN 

Universidade Federal de São Carlos | São Carlos, SP, Brasil

acsabadin@gmail.com

DOI 10.11606/issn.2316-9133.v30i1pe171164

resumo Neste ensaio, busco refletir sobre as inerências do progresso econômico e tecnológico do capitalismo na sociedade contemporânea, considerando, sobretudo, o lado avesso desse progresso, seus rastros, suas faíscas. Com inspiração em escritos de Walter Benjamin, faço esta leitura a partir — e através — da imagem alegórica do fogo, despertada a mim em duas passagens pelos canaviais incendiados no interior paulista. Desde essas passagens, outros fragmentos são trazidos neste ensaio a fim de desvendar algumas camadas de sentido possíveis do fogo — possíveis, destarte, desse progresso. Categorias, tais como história, memória e memoricídio entrelaçam as palavras aqui presentes visando ilustrar como esses fragmentos mostram-se arraigados nos escombros que, dialeticamente, acionam a lembrança e o esquecimento. Da mesma forma, mostram-se arraigados às inerências do progresso que, segundo Benjamin, levaria a humanidade rumo à catástrofe.

palavras-chave História. Memória. Progresso. Memoricídio. Esquecimento

Like sparks: a sketch of the most vivid image of progress

abstract The essay aims to reflect upon the inherences of capitalism's economic and technological progress in the contemporary society, considering, above all, the adverse side of this progress, its trails, and its sparks. Inspired by the writings of Walter Benjamin, I propose this interpretation from the allegorical image of the fire, which was awakened in me by visiting burnt down cane fields in Sao Paulo. Since those occurrences, other fragments have been brought to this essay to unveil possible layers of meaning to the fire and, thus, this progress. Categories such as history, memory, and memoricide intertwine the words presented here, aiming to illustrate how these fragments are rooted in the debris, which, dialectically, engage

¹ O subtítulo faz referência à “imagem mais viva do inferno”, poetizada por João Cabral de Melo Neto em “O fogo no canavial” (1980: 31).



remembrance and forgetfulness. Similarly, they are rooted in the inferences of the progress, which, according to Benjamin, would drive humanity towards a catastrophe.

keywords History; Progress; Memory; Memoricide; Forgetfulness

Como unas chispas: esbozo de la imagen más viva del progreso

resumen En este ensayo, busco reflexionar acerca de las inherencias del progreso económico y tecnológico del capitalismo en la sociedad contemporánea, considerando, sobre todo, el lado avieso de ese progreso, sus huellas, sus chispas. Con inspiración en los escritos de Walter Benjamin, hago esta lectura desde — y a través — de la imagen alegórica del fuego, despertada a mí en dos pasajes por los cañaverales incendiados en el interior paulista. Desde esos pasajes, otros fragmentos son traídos en este ensayo para desvendar algunas capas de sentido posibles del fuego — posibles, así, de ese progreso. Categorías como historia, memoria y memoricidio, entrelazan las palabras aquí presentes para ilustrar cómo esos fragmentos se muestran arraigados en los escombros que, dialécticamente, accionan el recuerdo y el olvido. De la misma manera, se muestran arraigados a las inherencias del progreso que, según Benjamin, conduciría la humanidad hacia la catástrofe.

palabras clave Historia. Progreso. Memoria. Memoricidio. Olvido.

Itinerário²

Da janela do ônibus, emolduro os fragmentos da paisagem dos entornos da estrada. A inconstância desses fragmentos é de fora e de dentro. De fora, a própria paisagem se transforma. Tem os seus tempos de flores, de folhas secas, de plantio, de germinação, de colheita. Tem dia, tarde, noite, chuva, calor. De dentro, a velocidade do ônibus de cada viagem varia, interferindo neste enquadramento. Alguns dos fragmentos passam depressa, outros nem tanto. O meu olhar parece acompanhar a velocidade, construindo um itinerário imprevisível, apesar de saber do meu ponto de chegada.

Lembro-me de uma noite de outubro, em que a congruência destes elementos de fora e de dentro exibiu um céu azul escuro avermelhado pela janela. Esta coloração do céu misturava-se com as nuvens de fumaça e fuligem, momentaneamente, pairadas sobre a plantação. Aos poucos, o azul perdia-se entre a vermelhidão, logo cedendo lugar ao cinza das nuvens. Um cinza escuro de apagamento e ausência, concentrado naquele espaço.

Em uma manhã nublada de novembro, outra congruência. Outra janela. Outro ônibus. Mesmo olhar atento, outro enquadramento. A claridade desse dia dava luz à paisagem

² Agradeço a Fernando Augusto de Souza Guimarães, Gabriel de Santis Feltran, Maria Aparecida de Moraes Silva e Lucinei Sabadin pelas conversas, trocas e leituras. Dedico este ensaio, de todo o coração, à Maria, minha professora e amiga

emoldurada. Dava luz à passagem anterior pela mesma estrada. De perto, o horizonte de cana acompanhando o movimento do vento. O avanço do caminhão à saída da propriedade deixou um rastro d'água na terra. Ao longe, mais cana. A fumaça cinza claro misturava-se com o céu nublado e o vermelho alaranjado junto àquele horizonte.

Outros fragmentos poderiam ser emoldurados na janela durante as duas viagens. Eu paraliso nesses dois, observando os e as cinzas destoantes em meio à imensidão dos céus delineados na moldura. Sob este emaranhado de cinzas, o fogo envolvia o canavial ao seu ritmo, ao mesmo tempo, acelerado e lento, provocando nuvens de fumaça. De uma forma ou de outra, essas duas passagens pela estrada despertaram o meu foco ao percurso do fogo, instigando-me a seguir o seu itinerário.

No dicionário, o fogo pode ser definido como “toda combustão acompanhada de desenvolvimento de luz, calor e, geralmente, chamas; grande chama que sobe ou se forma com força; chama, flama, labareda; combustão que lavra com grande intensidade: incêndio” (Michaelis, s/d, s/p). Nesses termos, é visto como um fenômeno que consiste no desprendimento de calor e luz, produzido a partir da combustão de alguma matéria. Matéria que é, portanto, consumida para sustentá-lo.

Nos meandros desses sentidos, o fogo no canavial ainda se mostra a mim enquanto um alerta à destruição, um alerta de incêndio. Porventura, apresenta-se enquanto o seu próprio alarme, um sinal para lembrar daquilo que permanece esquecido. Talvez fora deste papel, eu não encontre este itinerário, nem os seus desvios, não encontre o mesmo sentido.

Talvez eu mesma não faça jus à sua dinâmica própria, nem às suas variadas formas de existir. Apenas sigo a imagem fragmentada, alegórica desse fogo (Benjamin, 1984: 198), motivada a desnudar as camadas desses sentidos para além do que vi pela moldura da janela naquele instante. São fragmentos do pensar, fragmentos do fogo, talvez fragmentos da catástrofe irrepresentável que vai se formando a mim. Fragmentos possíveis dentre as camadas de sentido, passíveis de significar outras tantas coisas.

A imagem das chamas desperta-me ao seu movimento destrutivo: é chama engolindo chama e tudo o que está ali. Chama viva que se arrasta, derrete, queima, corrói, descolore e transfigura — a depender do que atinge. Fogo feito “a imagem mais viva do inferno”, como poetiza João Cabral de Melo Neto (1980: 31), na qual vejo caber o esquecido, imerso e estatizado, corroído pelas chamas. Uma tempestade de fogo, passando por cima do que lá estava. Um passar por cima efêmero, que deixa rastros.

Nos canaviais, as chamas são propositalmente provocadas — e controladas. O caminhão d'água está atento ao momento certo de apagá-las, sem deixar com que passe por cima do que ali importa. Tudo sob controle. Palhas e folhas da cana são corroídas; os colmos mantêm-se de pé. Há uma seletividade nesse controle: o que sobrevive e o que é descartado, apagado.

O esquecido transforma-se em fuligem, dissipa-se ao longe e desmancha, deixando rastros. Enquanto a fumaça dá o alerta do fogo, a fuligem anuncia o seu fim. É o que sobra. Os rastros das queimadas nos canaviais silenciam e desassossegam no cotidiano, alastrando-se nos fragmentos emoldurados pela janela do ônibus, aqueles que os meus olhos se desviaram ou não tiveram alcance. Mas o que sobra?

Percalço

O “dia do fogo” foi como ficou conhecido o 10 de agosto de 2019. As queimadas invadem com mais intensidade a Floresta Amazônica. Após o desmatamento, a madeira seca que resta das árvores é eliminada pelo fogo. Uma limpeza estratégica em que as cinzas são usadas para fertilizar o solo e prepará-lo para a entrada do pasto. Saem as árvores. Provoca-se o fogo. Entra o pasto. É o fogo marcando o chão para o progresso econômico, feito pavio de dinamite.

No governo Bolsonaro, a revogação do decreto nº 6.961/2009 (Brasil, 2009), que proíbe a expansão canavieira em áreas encobertas pelo zoneamento agroecológico, abre o caminho para o desmatamento e as queimadas na Floresta Amazônica confluírem com a chegada da cana. O agronegócio avança em área de floresta: “o agro é tudo o que está a nossa volta”, como é a ideia vendida nos comerciais da Rede Globo (Rede Globo/Portal G1, 2019). Uma ideologia focada em apresentar como o agronegócio permeia a vida cotidiana de maneira otimista: está nos alimentos, nas roupas, no combustível dos carros. Mas o que sobra?

Hipnotizada pelas chamas na floresta, vejo o incêndio que foge ao controle — e fugiria ao controle de qualquer caminhão d’água. Brasas e faíscas misturam-se com a fumaça, caminhando ao longe, tocando o céu. Uma tempestade de fogo, incontrolável, que para quando quer. Seria essa a imagem da catástrofe?

Penso em Beiguelman (2019: 215) dizendo que as catástrofes são terminais. São como um momento sem um depois. Uma imagem antecipadora — e por que não, assustadora? — de um não futuro. Ainda assim, as faíscas da catástrofe vêm a mim enquanto alerta, como o fogo. Um alerta ao esquecimento de um futuro que se tentou apagar. Alerta de uma catástrofe irrepresentável, que passa por cima do que estava ali, arrastando rastros de esquecimento, feito aqueles deixados pelo fogo que vi nos canaviais, que vi na floresta pela moldura da televisão.

De imediato, lembro-me da interpretação de Benjamin sobre o *Angelus Novus* — pintado por Paul Klee em 1920. Atento à tempestade do progresso — a tempestade-dilúvio — avançando sobre o anjo da história, Benjamin (1985: 226) enxerga-o seguindo rumo ao futuro, e os escombros do dilúvio são deixados e empurrados para trás. No fim, o narrador projeta no quadro a catástrofe da própria humanidade. Mas o que fica para trás?

A tempestade formada na Floresta Amazônica é de um fogo que transborda. Deixa rastros — os rastros do próprio progresso técnico e econômico do capitalismo que passa cima do que estava ali. Imagino o *Angelus Novus* fugindo das chamas, feito os pássaros escapados das

matas. O meu olhar realça as bordas amarronzadas que o circundam, parecendo avançar famintas na sua direção. O anjo está em alerta, alarmado pela borda de fogo, alarmado, quiçá, pelo avanço do progresso que Benjamin projetou na humanidade, quiçá pelo avanço do fogo na floresta, da cana e da boiada.

As ameaças desse progresso vêm se alastrando feito faíscas. Parecem deixar queimar a floresta, deixam queimar a humanidade. As asas do anjo-pássaro seguem o ritmo do desespero e, aceleradas, buscam um escape. Nem todos os pássaros conseguem voar para longe dali, são sugados pelas chamas — é a verdadeira imagem do inferno.

Desvio

Um leque de significados invade o fogo na Floresta Amazônica, assim como invadiu e invade o cotidiano de quem experiencia a realidade canavieira no estado de São Paulo, também de Alagoas, Goiás, Mato Grosso do Sul. O fogo-progresso representa um passar por cima do que estava ali — natureza, gente. Deixa rastros. Rastros de esquecimento. Desloca e desvia os olhares ao nome do progresso, rumo à ordem. Desloca e desvia os olhares aos escombros que representam, ao mesmo tempo, o que resta e o que foi arruinado — o espanto é de quem?

Tal espanto pode ser projetado, sentido, imaginado como memoricídio. Um neologismo de Grmek retomado por Beiguelman (2019: 216), pensando na tentativa de ilustrar a intenção de destruir a existência, seja ela cultural ou histórica de uma nação, de um território. Memoricídio, cujo sufixo indica a ação de extermínio. Extermínio da memória, do próprio ato de existir que incomoda, desafia, estranha, atrapalha, que é repudiado.

Memoricídio, cunhado como confronto, choque, uma tentativa de dizer que a memória — a existência — ali importa a alguém. Importa à história, ou aos que olham para o seu avesso. Importa aos que ficaram, sobreviventes — e ao próprio avesso. Aos que se sentiram estagnados, impotentes ao olhar para os escombros, ao ver o vazio e imaginar a catástrofe. Imaginar o que era, o que não tornou a ser, o que foi ali e, então, exterminado. Restam escombros.

Por certo, os escombros também podem acionar as memórias de um lugar. Talvez de um lugar onde se conheceu por ouvir dizer, por acreditar ter importância dentro de um conjunto — de uma nação, de um território, de uma vida. Dentro daquilo considerado, de forma emoldurada, como realidade. Ou mesmo do conjunto que evidencia até onde o olho toca, até onde se sabe, se sente, dentro daquela moldura que agora permeia os escombros. Não mais as árvores, não mais os pássaros, não mais o límpido daquele céu. Apenas os escombros deixados como a imagem de um não futuro.

Escombros que escancaram o que vai, os cacos e os pedaços que faltam. O fogo-progresso destrói a floresta, passa por cima das matas que cederam lugar à cana. São séculos de invasões, faíscas do progresso. Destruição da existência, extermínio. Eles acabam por se preencher com

um sentimento de continuidade de um passado interrompido, que foi passado por cima, que passa por cima de natureza, de gente — até que se esquece.

Como o passar por cima de Galdino em Brasília em 1997. Incendiado aos 44 anos enquanto dormia na parada de ônibus após participar de manifestações pelos direitos indígenas. Seu assassinato passa por cima de sua vivência, da existência indígena que já se tenta apagar de outras tantas formas. O banco no qual sonhava permanece ali, hoje rodeado pela Praça do Compromisso, construída como um lugar de memória, nos termos de Nora (1993: 7).

Um lugar para lembrar-se de Galdino, para lembrar o que a sua morte representa. Memoricídio. Uma estátua em sua homenagem foi erguida, como um sinal de resistência, aviso, alerta, esperança. Não mais o meio da memória, mas o lugar. Um lugar que agrupa efeitos materiais, simbólicos e funcionais, despertados na imaginação, na lembrança (Nota, 1993: 21). Agrupa os escombros que se tentou apagar daquele dia do sono interrompido, do sonho interrompido, da vida interrompida.



Figura 1. O lamento. Fonte: Regina Coeli Rennó (1999: 8)³.

³ A autora e ilustradora concedeu, via e-mail, a autorização para uso dessa imagem.

Nas minhas lembranças, aciono esse fragmento da história registrado em um dos livros da minha infância. O menino resgata em Brasília o cartaz que anuncia o assassinato de Galdino. Leva-o, velejando no seu barco de papel, a partes da história dos datados 500 anos do Brasil — a história contada do lado direito. Ele tenta mostrar o seu avesso e o rumo tomado por essa história — tomado pelo “descobrimento” do Brasil. O rumo daquilo que se entende por progresso.

O menino escova a história a contrapelo nas páginas seguintes do livro. Conforme Löwy (2005: 73) apresenta, esse contrapelo indica “a recusa em se juntar, de uma maneira ou de outra, ao cortejo triunfal que continua, ainda hoje, a marchar sobre daqueles que jazem por terra”. Apresenta o cartaz a Dom Pedro II, aos jesuítas, aos negros escravizados no corte da cana-de-açúcar. Apresenta-lhes o contrapelo do progresso, as suas faíscas, nas palavras e na imagem, rabiscadas naquele pedaço de papel.

Na parte inferior do cartaz, um emaranhado de traços imita a fluidez da história, com todos os desvios e possibilidades. Parece indicar um caminho a ser reconstruído, refeito nas lembranças herdadas do menino. Uma marcha pelo contrapelo da história leva-o a outros tempos e lugares com o pedaço de papel na mão. Apresenta-o, também, aos indígenas, que não poderiam imaginar o caminho e o sentido do progresso que extorquiu as suas terras.

Extorquiu a vida de Galdino, de tantos outros. E ainda extorque com os fogos da floresta, com os direitos negados aos indígenas, negados à floresta. Com tiros, invasões, derrubadas de natureza, de gente. Extermínio de natureza, de gente. Extermínio das condições de suas existências. Extermínio de vidas, de memória, de história. Memoricídio.

Volto a Brasília. Anos mais tarde, incendeiam moradores de rua, sobreviventes, que também dormiam em paradas de ônibus. Ateiam fogo como um sinal de extermínio. Vergonha e silêncio. Em São Paulo, Rio de Janeiro... a história se repete e se alastra no decorrer dos anos. O progresso passa por cima do que estava ali, e o espanto é de quem? São faíscas da catástrofe, e talvez a catástrofe seja o próprio ato de esquecer. Talvez o fogo faça esquecer. Faz lembrar, depois faz virar fuligem e desmanchar no ar. Mas o que sobra?

Vácuo

Como nos recorrentes incêndios nas favelas de São Paulo, que ilustram um deixar queimar. Provocados ou acidentais — evitáveis — o fogo se alastra e queima casas, identidades, roupas, pessoas, brinquedos, móveis. Deixa rastros. Queima a existência, e o socorro não é imediato. Deixa-se queimar. Sobram a dor, a resistência, a reconstrução, o apoio e um apelo coletivo. Penso nas panelas esquentando no fogão, nas faíscas emitidas pelas velas do bolo de aniversário, no cigarro aceso em meio ao caos do mundo representando um suspiro de conforto provocado pelo fogo. Imagens projetadas como um lapso da memória vivida naquele espaço, um

fio de esperança em meio à instabilidade do vazio do destruído que afeta a continuidade da existência.

Daí, sobram os cacos de uma relação com o espaço que não é efêmera, como mostra Halbwachs (1990: 324): os movimentos e pensamentos do coletivo veem-se regulados por esse espaço, pela sucessão de imagens representadas pelo lar, pela rua, pelo cotidiano, pelas pedras da cidade, pelas pedras das ladeiras das favelas, pelo barro, pelo asfalto. Olhar para esse espaço destroçado suscita, assim, em juntar esses cacos na própria lembrança. Implica em acionar os lugares de memória, agora, tidos enquanto uma eterna reconstrução daquele lugar que se foi num instante, que se transformou num instante. Silêncio.

Silêncio como aquele sentido e persistido pelo incêndio do Museu Nacional em 2018. Documentos, fotos, fósseis, janelas, portas, paredes, teto foram queimados. Cada objeto encontrado, ao mesmo tempo, fazia e não fazia parte de um conjunto (Halbwachs, 1990: 154). Dispunha de um lugar no conjunto do museu e, da mesma forma, um lugar anterior ao museu em outros conjuntos. Carregava novos e velhos significados e representações. Um fogo acidental destruiu boa parte desse todo do museu. Fogo acidental, mas evitável. Fogo que reforça o apagamento da história de um país que já apaga tanto. Apaga a floresta, apaga as favelas, apaga gente. Fogo que acentua o esquecimento. São faíscas do memoricídio, faíscas do progresso. Faíscas naquele instante.

O que sobrou dali foi ressignificado pelo fogo, como sobreviventes de um desastre. Estes permanecem esquecidos junto aos escombros, tornaram-se, eles mesmos, escombros. O Museu segue desconhecido do público, como observa Beiguelman (2019: 216). Segue desconhecido a mim. O fogo não apenas chama atenção a esse esquecido, ele acentua o esquecimento. Acentua o apagamento da memória já apagada de uma nação, da história escondida no avesso que nem todos enxergam.

No incêndio da Catedral de Notre-Dame em abril de 2019, quadros, imagens, vitrais, madeiras foram danificados. Assim como no Museu, o que havia guardado neste espaço fascinava: não só os objetos, não só o espaço, mas a memória. Lembro-me da sensação de estar ali quando tudo estava no lugar. A luz do sol irradiava pelos vitrais, o som dos órgãos trazia um misto de fascínio e mistério. Um fogo acidental — também evitável? — destruiu boa parte desse todo da igreja, derreteu a tinta das paredes e das obras, acinzentou o colorido dos vitrais, interrompeu o som dos órgãos. Resta a faísca das soldas que reconstroem e constroem objetos, tentando recolocar tudo no seu devido lugar. O que sobrou foi um fio de esperança. Duas torres com sinos silenciados de bronze permaneceram de pé. Um silêncio desgastante, eternizado devido a um instante.

Silêncio que tomou conta do Museu de Língua Portuguesa e emudeceu as palavras todas que cabiam ali. O fogo queimou o acervo digital, freou a vida de um dos bombeiros. Acervo recuperável. A vida do bombeiro, não. Emudeceu os trens da Estação da Luz, logo ao lado, que

tiveram os seus percursos interrompidos. Estacionou, por um tempo, o barulho nos trilhos. Interrompeu o fluxo de gente no museu, nos trens, nas palavras todas que cabiam ali. Um emaranhado de silêncio. Um desvio nos trilhos. Mais uma vez foi esquecimento. Esquecimento de todo o patrimônio que estava ali nos tijolos, e cercado por eles. Um deixar queimar das palavras que estavam ali. Uma interrupção de fluxos. Interrupção efêmera. A entrada da estação foi rapidamente reaberta, o espaço físico permanece interrompido devido a um instante.

O estalar do fogo traz à tona o efêmero, o breve instante da interrupção. Aquilo que parecia eterno naquele espaço é desafiado. O efêmero passa por cima do que estava ali no tempo do apagar de um fósforo. Um passar imediato que reconstrói e ressignifica o que estava ali, como um movimento no curso da história. História transitória, que desafia, desvia, como coloca Adorno (1985: 111). A vida é passada nos segundos desse apagar. Um breve passar por cima do que estava ali, um passar alarmado pelo perigo. Alarmado pelo fogo.

Perigo que, às vezes, parece permanecer mesmo após o apagar das chamas. É o que sobra em forma de fumaça, fuligem. Sobra sob a forma de escombros. Como um indicativo de alerta, como faísca do progresso. Löwy (2005: 65) aponta que o momento de perigo é aquele no qual surge a imagem autêntica do passado para o sujeito histórico. Interrompe-se o progresso ininterrupto da história como um relâmpago. O perigo põe presente e passado em circuito, mas o que sobra são faíscas. O progresso deixa as suas faíscas. Deixa rastros como o fogo. O que sobra é o esquecimento?

Na Austrália, fogo feroz igual tempestade, dilúvio. Fogo faminto que engole. Fogo tal como a força de uma natureza mítica, amedrontadora, desafiadora. São ondas de calor, vento e seca que dão origem a uma tempestade de brasas, formando nuvens de fumaça. Nuvens tão imensas que tapam o sol, misturando dia, noite e desespero. O fogo salta feito os cangurus pelas cidades do sudoeste. Deixa rastros por todo o país — e para além dele. Quase toca o mar, visto como saída de emergência. É fuga atrás de fuga, mas nem todos escapam. É morte atrás de morte. Perda atrás de perda. É gente, é bicho, concreto, tronco. Pássaros fugindo feito o anjo da história, feito os pássaros da Floresta Amazônica. São restos, destroços de um fogo que persiste.

Fogo-afrenta, que para quando quer. Fogo feito resposta da própria natureza. Uma tempestade de fogo que foge ao controle de qualquer homem. São signos da natureza, signos da história. Signos da transitoriedade presente quando natureza e história se afastam e se cruzam (Adorno, 1932: 111). Amarram-se ali naquela tempestade de fogo quando a natureza parece responder pelos efeitos do progresso. Catástrofe. A natureza respondendo ao progresso sob a forma irrepresentável de uma catástrofe, agora projetada nessa tempestade de fogo, de brasa, fumaça e faísca. Catástrofe que passa por cima, que para quando quer. Incontrolável. Imensurável.

Desfecho

Outras respostas e facetas do progresso. Outras faíscas das várias faíscas da catástrofe irrepresentável. No Chile e nos Estados Unidos, fogo como protesto. Fogo-revolta. Fogo que arde. Santiago e Minneapolis, tomadas por saques, por chamas, por alarde e alerta, tomadas pela multidão por um instante. Fogo dando voz, clamando atenção, buscando resposta, como uma tentativa de mudar o ciclo da história. No Chile, fogo que incrimina e é provocado por uma sucessão de fatos que escapa ao seu alcance. Nos Estados Unidos, fogo protestando contra o assassinato de George Floyd, confrontando o racismo arrastado no curso da história. É imediato, efêmero, breve frente ao que veio contestar. Fogo-esperança, de um renascer que se esvai. O fogo, também se esvai, mas deixa rastros.

Fogo nos canaviais, na floresta, na favela, nas pessoas como sinal de limpeza, de extermínio, de apagamento, feito uma imagem escancarada do inferno. A imagem mais viva do inferno talvez seja esta tentativa de apagar. Fogo no museu, na catedral, na favela, como um sinal de acidente. Todo fogo carregado de memoricídio, angústia, perda. Breves passagens pela transitoriedade da história. Passagens que não interrompem o progresso. Este segue passando por cima, segue arrastando natureza, gente. Carrega a história na contramão do contrapelo.

Fogo na Austrália como resposta da natureza. Alerta. O que provocou esse fogo? Faíscas do choque da natureza e da história. É o fogo imprevisível, fogo feito elemento da própria natureza, fogo mítico. Fogo que se esvai quando bem entender. Fogo que persiste. Incontrolável e, talvez, ainda assim, breve ao que veio contestar. Um alerta de perigo que coloca em choque presente e passado — deixa em aberto o futuro, deixa um não futuro. Aquele futuro roubado no instante da catástrofe. Mas o que sobra?

Os rastros do fogo persistem mesmo após o apagar das chamas, seguindo esquecidos pelo caminho da fumaça. Criam marcas, viram fuligem, desmancham no ar. Manifestam-se nos corpos dos trabalhadores, na vida e morte de pessoas, nas casas que restaram nas favelas, nas roupas estendidas nos varais próximos às áreas canavieiras, nos pulmões de idosos e crianças, nos céus de São Paulo e de seu interior, de Paris, de Santiago, das cidades da Austrália, de Brasília, Rio de Janeiro, Minneapolis. São rastros invisíveis nas águas, na terra, que acinzentam as nuvens, acinzentam vidas. Carregam novos rastros invisíveis para além dos que a moldura da janela de qualquer ônibus conseguiria captar. São os rastros do progresso. São faíscas do progresso. Rastros do próprio esquecimento.

Continuo na estrada acompanhando aquelas fumaças ao longe. Penso no alarme de incêndio de Benjamin, que talvez possa ter sido escrito pensando em todos esses escombros que escapam do quadro de Klee, que escapam da moldura da janela do ônibus, das margens do meu livro de infância, da moldura da televisão.

— “Antes que a centelha chegue à dinamite, é preciso que o pavio que queima seja cortado” — anuncia o narrador (Benjamin, 1987: 45). Desde lá já era preciso barrar o progresso.

O progresso anterior aos escritos de Benjamin. O progresso que o anjo da história não barrou, que os próprios sujeitos históricos não conseguiram frear — outros nem quiseram. O progresso que chegou a Auschwitz, Hiroshima, Brumadinho, Mariana, Paraisópolis. A Brasília, a São Paulo, à Amazônia... Deixamos a centelha chegar à dinamite?

Progresso que chegou alarmado pela fumaça. Fumaça de fogo, de explosivos, de arma, de terra, poeira, de corpos, de alma. Progresso de várias facetas e dimensões, mas destrutivo e alarmado feito o fogo. Que destrói, transforma, alcançando o que quer. Deixa rastros que reforçam o esquecimento, seguindo rumo à destruição daquilo que se repudia, daquilo que o progresso repudia, daquilo que faz repudiar. Carrega a dor, desperta desespero. Silêncio.

A velocidade do ônibus diminui. A mesma moldura, outro ritmo e outro enquadramento fazem meu pensamento desacelerar. Mesmo ao longe, percebo um sinal de luz dentro da casa. Uma chama ínfima destoa na imensidão do sítio. Um signo de luz em meio à escuridão. Nesse instante, enxergo poesia (Bachelard, 1989: 10).

Observo a dança solitária dessa chama, chegando a crer que ela está alheia a todo o acelero desencadeado pelo fogo que eu havia rememorado até então. Alheia às faíscas do progresso que me despertaram no itinerário. O fogo apresenta-se recluso na cúpula de vidro. Flutua. Só escapa dali em reflexo. Alcança seu entorno em forma de luz, talvez de afago. Meus pensamentos tateiam uma linha de Bachelard (1989: 24) que diz: “— Onde reina um lampião, reina a lembrança”. E indago o que será que os rostos, as paredes e os objetos iluminados por essa luz guardariam consigo?

Vejo-me diante de um fogo que vela: os segredos, o concreto, as memórias. Um fogo solitário. Hipnotizante como todo aquele que, de uma forma ou outra, guia meus devaneios até aqui. Fascino-me, agora, por uma chama que rege suavemente o tempo. Não mais um tempo do externo, do progresso e seu avanço, mas um tempo seu.

Com sua própria força, a chama eleva as cenas rememoradas por mim durante o trajeto e as desata. A catástrofe se desfaz como um relâmpago de esquecimento. Talvez a catástrofe seja irrepresentável, tão irrepresentável quanto o esquecimento... Mas, levo-me a crer que sempre haverá uma chama que, apesar de ínfima, reacende o que um dia se esqueceu.

Referências Bibliográficas

- ADORNO, Theodor. W. 1985 [1932]. L'idée de l'histoire-nature (exposé du 15-7-1932 à la Kant-Gesellschaft). Tradução de D. Philippe. In: L'Homme et la société, n. 75-76. Synthèse en sciences humaines. p. 107-116.
- BACHELARD, Gaston. 1989. *A chama de uma vela*. Tradução de Glória de Carvalho Lins. Rio de Janeiro: Editora Bertrand.

- BEIGUELMAN, Giselle. 2019. A beleza será convulsiva ou não será, mas também será compulsiva ou não será. In: BEIGUELMAN, Giselle. *Memória da amnésia política do esquecimento*. São Paulo: SESC, p. 214-218.
- BENJAMIN, Walter. 1984. Alegoria e o drama barroco I. In: BENJAMIN, Walter. *Origem do drama barroco alemão*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Editora Brasiliense, p. 181-210.
- BENJAMIN, Walter. 1985. Sobre o conceito de História. In: BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas I: Magia e Técnica, Arte e Política*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Editora Brasiliense, p. 222-232.
- BENJAMIN, Walter. 1987. Alarme de incêndio. In: BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas II: Rua de mão única*. Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa. São Paulo: Editora Brasiliense, 45-46.
- BRASIL. 2009. *Decreto 6.961 de 17 de setembro de 2009 - aprova o zoneamento agroecológico da cana-de-açúcar e determina ao Conselho Monetário Nacional o estabelecimento de normas para as operações de financiamento ao setor sucroalcooleiro, nos termos do zoneamento*. Brasília: Diário Oficial da União, 18 set. 2009. Seção 1, p.1.
- FOGO In: Michaelis - dicionário de língua portuguesa. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2019. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/fogo/>. Acesso em 15/11/2019.
- G1. VÍDEOS Agro: A indústria-riqueza do Brasil. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/agronegocios/agro-a-industria-riqueza-do-brasil/playlist/videos-agro-a-industria-riqueza-do-brasil.ghtml>. Acesso em 04/03/2020.
- HALBWACHS, Maurice. 1990. *A memória coletiva*. Tradução de. Laurent León Schaffter. São Paulo: Edições Vértice.
- KLEE, Paul. Angelus Novus. 1920. Oil transfer and watercolor on paper, 31.8 x 24.2 cm. The Israel Museum, Jerusalem.
- LÖWY, Michael. 2005. *Walter Benjamin: o aviso de incêndio*. Uma leitura da tese “Sobre o conceito de história”. Tradução de Wanda Nogueira Caldeira Brant. São Paulo: Boitempo.
- MELO NETO, João Cabral de. 1980. Fogo no canavial. MELO NETO, João Cabral de. In: *A escola das facas: poesia 1975 a 1980*. Rio de Janeiro: José Olympio Editoria, p.31.
- NORA, Pierre. 1993. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Tradução de Yara Aun Khoury. In: *Projeto História*, vol. 10: p. 07-28.
- RENÓ, Regina. 1999. *500 anos*. São Paulo: FTD.

sobre a autora

Ana Carina Sabadin

É doutoranda e mestra em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos.

Pesquisadora do RURAS – Grupo de Pesquisa Ruralidades, Ambiente e Sociedade..

Contribuição de Autoria: Não se Aplica

Financiamento: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)

Recebido em 17/06/2020

Aceito para publicação em 31/05/2021